

- 47) Jacques Maritain, *Le Docteur Angélique*, Atlântica Editora, Rio, 1945, p. 138.
- 48) *Ibid.*, p. 105.
- 49) Olivier Lacombe, em carta transcrita no *Diário de Raissa*, p. 280.
- 50) Jacques Maritain, *Diário de Raissa*, Agir, 1966, p. 22.
- 51) Esta e as seguintes são citações da última entrevista, *Jornal do Brasil* de 11 de novembro de 1972.

## “Pidgins” e línguas crioulas

IVANISE PESSOA BECHARA

### INTRODUÇÃO

O atual panorama dos estudos lingüísticos referentes aos “pidgins” e línguas crioulas tem-se revelado surpreendente e promissor, não somente em razão das pesquisas intensificadas e de formulações em pleno processo de elaboração como por conterem, estes estudos, uma representação crítica dos conhecimentos já adquiridos.

Quase todos os trabalhos aparecidos na década de cinquenta e, especialmente, aqueles surgidos após a 1a. Conferência Internacional de Estudos das Línguas Crioulas, realizada em Mona, Jamaica, em 1959, mostram que se está formando uma nova corrente de pensamento que pode trazer uma revisão de posições teóricas com diferentes rumos de investigação e de abordagem para o fenômeno lingüístico das chamadas línguas de contacto.

Por outro lado, a unificação do campo de estudos, a aplicação de postulados sociolingüísticos à consideração de sua gênese e desenvolvimento, o reconhecimento de que os crioulos são línguas genuínas e não apenas deturpação das línguas européias têm provocado interesse e estimulado esforços em setores especializados da Lingüística Geral e Aplicada.

Evidentemente não cabe, nas dimensões deste trabalho, uma completa apreciação destas renovações. Entretanto, tentarei colocar, na medida do possível, as questões teóricas que vêm sendo discutidas a partir da obra pioneira de Schuchardt (1), em 1882, mostrando a evolução das concepções correntes a

1) SCHUCHARDT, William. *Kreolische Studien*. Wien, 1882-1891. 9 v.

respeito destes idiomas, seu conceito, características, bem como sua importância para o esclarecimento dos problemas gerais da linguagem.

## OS "PIDGINS" E AS LÍNGUAS CRIOULAS

### 1. Conceito de "pidgin". A teoria do "life cycle"

Classificam-se, mais ou menos indiscriminadamente, sob as denominações de *pidgins*, línguas mistas, línguas de recurso, línguas de necessidade, línguas francas, línguas comerciais, etc., os tipos de linguagem que nascem do contacto e do desejo de intercompreensão de grupos de indivíduos que falam idiomas diferentes e mutuamente ininteligíveis.

Originários de situações de emergência (nos portos marítimos ou nas fases iniciais de colonização), os *pidgins* são instrumentos lingüísticos improvisados que desempenham suas finalidades comunicativas nas relações entre pessoas que usam, concomitantemente, sua língua própria.

A palavra *pidgin* foi empregada, primeiro, para designar o *pidgin-English*, nos mares da China e depois aplicada a qualquer língua do tipo similar. O termo talvez derive do inglês "business" e revela, de modo explícito, sua condição limitada, circunstancial.

São suas principais características o fato de serem bilaterais, conscientemente empregadas como línguas restritas de relação e nunca constituem o único ou principal meio de expressão de uma comunidade. Por sua funcionalidade reduzida a certas situações, constituem os *pidgins* uma "praxis" simplificada e mais ou menos assistemática de um instrumento lingüístico normal, tomado por base, cujo vocabulário e esquemas gramaticais são alterados em grande parte.

De certo modo, as exigências momentâneas de intercâmbio fazem com que, em cada ato comunicativo, criem os falantes formas improvisadas ou analógicas para expressarem suas urgentes e transitórias necessidades. Entretanto, se a comunicação

entre os indivíduos aloglotas adquiriu certo caráter de continuidade, é possível que o *pidgin* atinja, também certo grau de fixação, chegando a possuir um inventário léxico e gramatical constante, embora esse inventário continue pobre em razão mesma de sua aplicação a um círculo restrito de fórmulas lingüísticas (avisos, ordens, informações, reclamações etc.) quase sempre invariáveis e rotineiras.

Muitos *pidgins*, nascidos de circunstâncias especiais, tendem a extinguir-se quando cessam ou se transformam essas circunstâncias. Mas os recursos limitados de um *pidgin* podem ser a verdadeira causa de sua sobrevivência, se a necessidade deste *pidgin* mínimo persiste na comunidade. É exemplificativo, neste particular, o caso do *pidgin-English* que sendo, na verdade, muito limitado, resistiu, ativamente, por muitas centúrias.

Assim, podemos concluir que, se a situação interlingual, que provocou o aparecimento do *pidgin*, permanece inalterável, este também permanecerá, mas, se não persiste, ele desaparecerá ou terá um desenvolvimento subsequente que vai depender, intrinsecamente, das condições sociais (como a constituição das sociedades mistas) transformando-se em língua crioula.

Afirma-se, geralmente, que foi Bloomfield (2) o primeiro a declarar o parentesco histórico entre o *pidgin* e o crioulo mas foi Robert Hall (3) quem destacou esta filiação, considerando a fase *pidginzante* como essencial na sua definição de língua crioula e chegando a postular uma espécie de "life cycle" lingüístico, começando com a geração espontânea de um *pidgin*, seguida de uma gradual evolução para o crioulo. Deste modo, o *pidgin*, desenvolvendo a sintaxe e o vocabulário, ampliando sua esfera comunicativa para atender a relações constantes na vida social, torna-se a língua nativa de uma comunidade e, depois desta metamorfose, sobrevive, além do período de simples contacto interlingual, como instrumento lingüístico com estatuto

2) BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York. Holt, 1933.

3) HALL Jr., Robert A. *Pidgin and creole languages*. New York. Ithaca, 1966.

próprio e sistemático. *Pidgin* e crioulo seriam, pois, etapas diferentes de um mesmo fenômeno lingüístico.

Embora a teoria do "life cycle" seja mais ou menos admitida entre os especialistas, variam, no entanto, os modos de encarar os pormenores do processo e o próprio conceito de língua crioula, dependente, em grande parte, dos preconceitos sócio-culturais e de diversas orientações lingüísticas.

## 2. Primeiras concepções sobre os crioulos

Por serem considerados, durante muito tempo, como simples deturpação das línguas européias, os crioulos merecem atenção tardia dos estudiosos. Seu tratamento científico data do século XIX, quando Schuchardt publica seus *Kreolische Studien* sobre as várias modalidades crioulas, estabelecendo, pela primeira vez, as questões relativas a estas línguas.

É de notar-se que, no âmbito da língua portuguesa, o interesse pelas línguas crioulas manifestou-se um pouco mais cedo, em 1880, com Francisco Adolfo Coelho e o seu primeiro artigo sobre *Os dialetos românicos ou neoplatinos na África, Ásia e América* (4), estudo que, apesar das modestas dimensões, apresenta critérios rigorosamente científicos e concepções avançadas para o espírito da época.

De qualquer modo, nesta fase inicial, ainda eram os crioulos considerados, geralmente, como uma espécie de língua degenerada, "pot-pourri" lingüístico de elementos heterogêneos, adotado por indivíduos carentes de qualquer cultura e em ínfimo estado social.

Reflexo desta concepção são as definições propostas por vários estudiosos, muitos deles de inquestionável valor intelectual e formação lingüística sólida, que revelam uma atitude desdenhosa em relação ao crioulo.

4) COELHO, Francisco Adolfo. *Os dialetos românicos ou neoplatinos na África, Ásia e América*. Lisboa. Boletim da Sociedade de Geografia, 1880.

Assim, Meyer Lübke o considera como:

"... chapurreo de una lengua extranjera, aprendida en el trato diario por gente en su mayor parte inculta, en vista de las necesidades más elementares y usando los medios de expresión más sencillos". (5)

Também Meillet (6) vê o crioulo francês de Maurícia e Reunião apenas como um imperfeito francês que os negros aprendiam de seus senhores e muitos outros autores consideram os crioulos como toscas línguas mistas, termo certamente impróprio por implicar não somente uma mistura heteróclita de elementos ou um confuso inventário de corrupções interlinguais, como por lhe negar, implicitamente, uma estrutura capaz de lhe garantir individualização lingüística.

Temos, mais ou menos neste sentido, a declaração de Leo E. Rens:

"The mixed nature of creole language is to be found in their grammatical and phonetical structures rather than in a mixed vocabulary". (7)

Serafim Silva Neto (que teve o inegável mérito de iniciar estes estudos entre nós), embora considere os crioulos como falares que têm vida própria e caracteres definidos, classifica-os como transitórios e inferiores, mera deturpação de línguas européias e irremissivelmente identificados com a mísera situação de seus falantes. Diz o saudoso filólogo brasileiro:

5) LUBKE, W. Meyer. *Introducción a la lingüística románica*. trad. esp. Madrid. s.d.

6) MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris, 1931, 1.º vol.

7) RENS, Leo E. *The historical and social background of Surinam negro-english*. Amsterdão 1953.

“Crioulos são falares de emergência, com caracteres definidos e vida própria que consistem na deturpação e simplificação extrema de uma língua europeia imperfeitamente transmitida e aprendida por gente de civilização inferior”.

Apresenta, a seguir, os elementos essenciais de sua definição:

- “a) o crioulo é um falar *transitório* (\*);
- b) o crioulo apresenta caracteres definidos que se deixam prender por um fio condutor;
- c) o crioulo tem vida própria: ele é o meio de expressão de que dispõe o grupo;
- d) o crioulo é a *deturpação* e a simplificação de uma língua europeia (português, francês, espanhol, inglês, holandês etc.);
- e) essa língua básica foi transmitida deficientemente;
- f) o crioulo serve de instrumento de comunicação entre *seres inferiores e subalternos*”. (8)

Embora esta definição contenha elementos pertinentes que caracterizam a natureza lingüística do crioulo, peca, no entanto, por revelar uma atitude depreciativa e superior em relação a essas línguas, afastando-se da indispensável isenção de uma abordagem científica, porque, para o entendimento de sua realidade idiomática, não importa estabelecer confronto com a língua “standard” básica, nem determinar o “status” inferior do crioulo — solução mais cômoda e aparentemente mais óbvia — porém colocar os problemas concretos que suscitem investigação lingüística objetiva.

\* Os grifos são nossos.

8) SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Livros de Portugal, 2 ed. 1970.

Para isto, cumpre afastar, “in limine”, os parâmetros de normalidade e superioridade subjacentes à ideologia colonizadora do homem branco civilizado, investigando, sem preconceitos, a estrutura característica das línguas crioulas e sua eficácia comunicativa.

Sabemos que uma tosca língua tribal é inerentemente capaz de, expandindo seu vocabulário e desenvolvendo suas formas internas, chegar a língua nacional, quando as condições sociais são favoráveis.

Assim, não se pode, “a priori”, negar ao crioulo a possibilidade de ascender a um “status” natural que lhe permita, em futuro próximo ou remoto, atingir a condição de língua de civilização, como também, não é de se considerar, em razoável sentido antropológico, seus utentes como inferiores e subalternos.

Dentro da moderna orientação lingüística, temos a judiciosa afirmação de Martinet de que:

“Em princípio, nada na estrutura lingüística do crioulo o desclassifica como língua de cultura, mas, enquanto o crioulo for sentido como forma bastarda de alguma grande língua de civilização, o seu “status” pouco diferirá do “patois”. (9)

No mesmo sentido, opina Herculano de Carvalho:

“O crioulo pode-se comparar a qualquer língua natural, distingue-se, apenas, pelo prestígio social e não serem utilizados como instrumento de expressão de uma atividade mental superior, filosofia, ciência, literatura”. (10)

9) MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. trad. port. Lisboa Livraria Sá da Costa, 1964.

10) CARVALHO, J. Herculano de. *Sobre a natureza dos crioulos e sua significação para a lingüística geral*. Coimbra, V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Actas, vol. 3 1966.

Entre os que defendem a autonomia do crioulo, enxergando-o numa perspectiva inteiramente favorável, está Rodolfo Lenz, estudioso do crioulo de Curaçau e grande entusiasta do seu progresso. Já em 1928 ele declarava que:

“El Papiamento de Curazao es, según mi opinión, el mejor ejemplo de una lengua criolla que se ha levantado hasta el nivel de una lengua de alta cultura”. (11)

Mesmo descontando-se a ênfase manifesta do eminente lingüístico, pode-se reconhecer que este crioulo tem língua escrita e conta, em seu ativo, uma pequena mas florescente literatura, sobrepondo-se, galhardamente, ao holandês oficial.

Também o Bahasa, hoje língua nacional da Indonésia, experimentou, nos últimos anos, um notável desenvolvimento e elevação social.

Admite-se, atualmente, que, embora os crioulos representem uma simplificação às vezes extrema da língua originária, a reinterpretação que realizam com os significantes adotados cria um novo sistema diverso do inicial e, de certo modo, bastante complexo.

Além disso, por mais pobre que seja a sua forma idiomática, ele constitui o instrumento lingüístico principal e até mesmo único de uma comunidade, bastando para satisfazer todas as suas exigências de comunicação.

Deste modo, os crioulos não são apenas *deturpação* das línguas européias, mas uma verdadeira reestruturação dos elementos fornecidos pela língua base, em razão da influência dos substratos e de específicas condições psico-sociais.

Este ponto de vista é defendido por notáveis lingüistas em todo o mundo. No domínio português, citaremos, particularmente, Herculano de Carvalho (12) e Jorge Morais Barbosa (13).

11) LENZ, Rodolfo. *El Papiamento, la lengua criolla de Curazao, la gramática más sencilla*. Santiago do Chile, 1928.

12) CARVALHO, J. Herculano de. Op. cit. pp. 257-273.

13) BARBOSA, Jorge de Morais. *Crioulos*. Lisboa, Academia Internacional de Cultura Portuguesa, 1967.

Em conclusão, podemos afirmar que está completamente afastada, por não científica, a concepção que via, nos crioulos, línguas bastardas e desprezíveis, desprovidas de estatuto lingüístico. A esta atitude discriminativa, Marius Valkhoff chamou, significativamente, de “albocentrism”, acrescentando:

“We annot help branding this as an unscientific attitude because in science every object of investigation ought to be approached with an open mind. The botanist who studies certain types of moulds will not complain of their alleged ugliness and will not prefer flowers to them, nor will the pathologist declare that the is disgusted by some new disease which he is observing. Moreover, the Creole varieties do not all deserve this contempt and can boast of fine qualities of picturesqueness as well resourcefulness”. (14).

### 3. *Modernos estudos sobre os crioulos*

Os crioulos vêm sendo estudados sob duas perspectivas principais: a genética e a estrutural.

A primeira procura descobrir a origem destas línguas e analisar-lhe o progressivo desenvolvimento a partir de fases iniciais. A segunda investiga, sincronicamente, suas características estruturais. Ambos os critérios poderiam ser, entretanto, complementares e caberia indagar, de maneira ampla, se os idiomas geneticamente considerados crioulos constituem, também, um grupo lingüístico tipologicamente definido.

Cada uma destas investigações pode trazer contribuições importantes não só para a exata caracterização destes falares, como para uma melhor interpretação de seus sistemas e “performances” lingüísticos.

14) VALKHOFF, Marius F. *Studies in portuguese and creole*. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1966.

As teorias genéticas sobre a origem dos pidgins e crioulos estão distribuídas em dois grupos principais: as teorias monogenéticas e as teorias poligenéticas. Segundo estas, cada pidgin-crioulo, ou cada crioulo de diferente comunidade, é o resultado de um ato separado e espontâneo de criação e desenvolvimento a partir da correspondente língua "standard" da qual ele divergiu sob a influência de situações sócio-lingüísticas desiguais. De acordo com as teorias monogenéticas, todos os pidgins e crioulos tiveram um ancestral comum que se desenvolveu em linhas divergentes, no tradicional sentido genealógico, sob o influxo da língua "standard" predominante, resultando em distintas e ininteligíveis variedades idiomáticas.

Até recentemente, as teorias preponderantes eram as poligenéticas que apresentavam diversas explicações para os problemas da origem dos crioulos.

Uma teoria que teve alguma fortuna entre os estudiosos, apesar de sua abordagem simplista, foi a teoria do "baby talk". Segundo ela, cada pidgin e crioulo começava como uma espécie de linguagem infantil, usada pelos proprietários de fazendas e comerciantes para comunicarem-se com seus escravos, empregados e fregueses.

No intuito de facilitar o intercâmbio, cada falante europeu mutilava, deliberadamente, a própria língua, eliminando as flexões gramaticais, restringindo o número de traços fonológicos e esquemas sintáticos e limitando o vocabulário a poucas centenas de palavras.

O resultado desta *súmula* lingüística era descrito, por muitos especialistas, como uma *corrução* da língua "standard", destinada a mentes pueris e de baixo nível intelectual, sem "status" de verdadeiro idioma.

Esta teoria apresenta inúmeros pontos vulneráveis que podem ser facilmente refutados.

Se é crível que os colonizadores brancos reduzissem as formas de sua linguagem para fazerem-se entender pelos nativos, considerar tal circunstância como básica para a origem do cri-

oulo é, sem dúvida, uma excessiva simplificação da realidade. Porque a transmissão imperfeita de uma língua a indivíduos adultos aloglotas, já possuidores de um idioma de estrutura completamente diversa, vai provocar o aparecimento de um sistema novo, bastante afastado do original. E, possivelmente, este sistema novo (o crioulo), nascido da conjugação de elementos vários e elaborado dentro dos esquemas de interpretação dos nativos, é que foi aprendido pelos senhores e comerciantes e não vice-versa.

Além disso, se cada europeu tinha improvisado sua própria variedade de "baby talk", para comunicar-se com seus servos, como explicar o fato de apresentarem os crioulos similaridades notáveis e muitos deles serem mutuamente inteligíveis?

Outra teoria poligenética explica a origem e similaridade dos crioulos pelo substrato comum das línguas nativas, defendendo, ao mesmo tempo, a geração espontânea dos *pidgins* onde quer que houvesse contactos entre grupos de indivíduos de línguas distintas e se fizesse necessária uma forma de comunicação.

Assim, Le Page diz que o francês haitiano é semelhante ao inglês de Jamaica porque os escravos, a quem os colonizadores ensinavam a língua "standard" simplificada, eram todos africanos. Havia um intercâmbio de formas entre eles, dando em consequência uma mistura de línguas européias com elementos das línguas nativas da África. (15)

Um defensor notável da tese poligenética é Robert Hall. Ele fornece duas explicações para o aparecimento de um pidgin ou crioulo em uma dada comunidade: ou a espontânea geração de um novo *pidgin*, por efeito do contacto lingüístico, ou a extensão à dita comunidade de um *pidgin* ou crioulo já estabelecido alhures (por exemplo a divulgação do *pidgin-English* através da Melanésia). Segundo Hall, a existência de crioulos semelhantes, em duas comunidades geograficamente afastadas, po-

15) LE PAGE, Robert B. *General outlines of creole English dialects*. Orbis, 6, 1957.

de ser explicada através de um tardio processo de difusão, pois seria muito difícil que elas improvisassem o mesmo *pidgin* interlingual. (16)

Assim estaria explicada, por exemplo, a uniformidade do crioulo francês, considerando-se que este crioulo se teria institucionalizado na África antes de acompanhar seus utentes às colônias.

No entanto, se continuarmos a explicar todos os fenômenos da similaridade dos crioulos através da difusão, poderemos chegar, facilmente, às teorias monogenéticas que se baseiam, justamente, na difusão e divergência de um único *pidgin* inicial.

As teorias monogenéticas começaram a conquistar a preferência dos estudiosos depois dos anos cinquenta e muitos autores endossaram a tese de um crioulo português como base de todos os *pidgins* e crioulos.

#### 4. A teoria do protocrioulo português

Em 1951, Navarro Tomás observa que o Papiamento não era uma língua indígena caribeano misturada ao português e/ou espanhol com elementos africanos. Parecia-lhe lícito supor que esta língua tinha origem no *pidgin* português usado como língua comercial no oeste da África, durante o tráfico dos escravos. (17)

Esta idéia foi compartilhada por outros autores, seguindo-se a formalização de uma fecunda teoria monogenética do proto-crioulo afro-português como ascendente genético de numerosos crioulos da África, Ásia e América.

Em 1956, Keith Whinnon prova que os quatro crioulos das Filipinas não eram falares independentes mas tinham divergido de uma fonte comum nas Molucas e que a base destes crioulos espanhóis era um *pidgin* português muito semelhante ao de Goa,

na Índia. Segundo ele, os crioulos espanhóis da Ásia não eram simplesmente a reinterpretação, pelos nativos, da língua de seus colonizadores da Espanha, mas, basicamente, o desenvolvimento desta língua franca portuguesa com influências espanholas posteriores.

Whinnon salienta a importância deste *pidgin* português que, no século XVI, substituíra o árabe e o malaio como língua comercial no Extremo Oriente e era empregado por comerciantes de todas as nacionalidades, da Índia à Indonésia e no Japão. Ao mesmo tempo sugere que o *sabir*, a famosa língua franca do Mediterrâneo, seria a fonte de todos os *pidgins* e crioulos de base européia do mundo.

Este *sabir*, cuja origem remonta ao tempo das Cruzadas, sobreviveu por muitas centúrias e é descrito por Schuchardt em 1909.

Apesar de seu vocabulário formado com elementos de quase todas as línguas do Mediterrâneo, a proporção da mistura varia de lugar a lugar.

Segundo Whinnon, é muito possível que uma versão deste *sabir*, com predominância portuguesa, vá constituir, de fato, este *pidgin* que, no século XVI, foi levado ao Extremo-Oriente (onde se desenvolveu como crioulos portugueses, espanhóis, e, também, como *pidgin-English*) e ao oeste da África, onde se firmou como forma preponderante, sendo daí transportado para o Novo Mundo, constituindo a base não somente do Papiamento, mas, inclusive dos crioulos francês e holandês. (18)

No mesmo ano de 1956, Douglas Taylor enfatiza a similaridade existente entre os crioulos caribeanos e os crioulos do Extremo Oriente, admitindo que ambos são modificações do *pidgin* português. (19)

18) WHINNON, Keith. *Spanish contact vernaculars in the Philippine Islands*. Hong-Kong. Univ. Press. 1956.

19) TAYLOR, Douglas. *Language contacts in the West Indies*. Word. 12. 1. 1956.

16) HALL Jr., Robert A. Op. cit.

17) TOMÁS, Tomas Navarro. *Observaciones sobre el Papiamento*. Nueva Revista de Filología Hispanica, 1953. 7.

Ainda sobre o Papiamento, H. L. A. van Wijk declara que este é um desenvolvimento do jargão dos escravos do oeste da África. Este jargão, influenciado pelo substrato africano, parece haver sido o padrão para todos os crioulos das Índias Ocidentais. Salienta, ainda, o orgulho que o Papiamento desperta em seus falantes que o preferem, absolutamente, ao holandês oficial. (20)

William Stewart, estudando o parentesco lingüístico, a estrutura e o léxico dos crioulos conclui que a evolução divergente de um simples *proto-pidgin* é muito mais sustentável que a reestruturação convergente de todo um grupo de línguas separadas. (21)

David de Camp endossa a teoria declarando que os estudos modernos se orientam por esta diretriz e que há uma tendência crescente em falar não de crioulos mas de *o crioulo*. (22)

Marius Valkhoff dedica um estudo especial ao crioulo português, demonstrando, largamente, a validade desta tese monogênica no seu livro "Studies in Portuguese and Creole". Refere-se, com detalhes, a um *pidgin* português, língua internacional de emergência, criada especialmente com propósitos comerciais, mas subseqüentemente empregada em relações mais estreitas e cotidianas. Esta língua serviu de padrão para todos os crioulos espalhados em regiões da Ásia, África e América.

Em suas considerações Valkhoff distingue três variedades de português: o português culto, língua literária, usada, às vezes, no ultramar, por representantes da administração portuguesa; o puro crioulo, língua adotada pelos nativos em geral e uma espécie de língua intermediária entre este e o português culto.

20) WIJK, H. L. A. *Spanish contact vernaculars in the Philippine Islands* Hong-Kong Univ. Press. 1956.

21) STEWART, William. *Creole Languages in the Caribbean*. Washington Frank Rice, 1960.

22) DE CAMP, David. *The field of creole language studies*. Latin American Research Review. 1968. vol. 3 n. 5.

Esta língua intermediária, que admitia várias gradações mais ou menos corretas, teria sido obtida por uma espécie de "lusitanização" do primitivo crioulo e distingue-se deste em muitos aspectos. Chama-lhe Walkhoff de "crioulo primário" e o define como uma nova língua saída do original português e considerada pelos falantes como um pouco diferente da língua mãe (corresponde ao que Serafim da Silva Neto chama de semi-crioulo), um estágio mais aperfeiçoado da primitiva aprendizagem.

Ao crioulo vulgar chama Valkhoff de "crioulo secundário". Corresponde ao verdadeiro crioulo, ou seja, ao português alterado sob a influência dos substratos africanos e falado em quase todos os domínios do Império Português. Esta língua tem uma unidade básica que permite seja entendida dos portos do Brasil a Macau ou Nagasaki, desde o século XVII a fins do século XVIII.

Com este falar os portugueses dirigem o comércio de especiarias e o tráfico de escravos, no Oriente e costas da África, sendo depois adotado por povos de todas as nacionalidades que se ocupavam do mesmo comércio.

Quanto aos escravos africanos, destinados às colônias, só excepcionalmente eram levados, de imediato, do interior da África às terras americanas. Normalmente tinham sempre oportunidade de aprender rudimentos da língua franca, seja no depósito de escravos, onde eram despejados por longos períodos antes de serem transportados, seja durante a morosa viagem a bordo dos navios negreiros. Estes escravos, mais ou menos crioualizados eram chamados de "ladinos" em oposição aos "boçais" que só falavam línguas africanas.

M. Valkhoff demonstra a marcante influência do crioulo português nos diversos crioulos (franceses, ingleses, espanhóis etc.) e até no "Afrikaans", da ex-colônia holandesa do Cabo:

"... broken Portuguese which was then the universal language from the east to the west, this was the lan-

guage which to a certain degree influenced Cape Dutch". (23)

Sem dúvida, a tese do proto-crioulo português, como base genética para os crioulos em geral, tem fortes fundamentos e explica a similaridade destas línguas faladas em tão diferentes e remotos lugares.

Nos séculos XVI e XVII, como bem diz Fernando Pessoa, "o mar sem fim é português". (24)

Os portugueses foram os primeiros a frequentar as costas da África e entrar em contacto com as tribos negras, assim como foram os primeiros a estabelecer núcleos de colonização na Ásia.

Daí a preponderância do crioulo português que serviu de modelo a todas as línguas deste tipo e a incrível vitalidade desta língua que sobrevive, em várias regiões, até os dias atuais.

Seria a presença e o eco daquela glória memorável dos que, segundo o Poeta Maior lusitano:

"Entre gente remota edificaram  
Novo Reino que tanto sublimaram".

(Lusíadas, Canto I, 1)

### CONCLUSÃO

Os estudos dos idiomas crioulos apresentam, inegavelmente, perspectivas de grande alcance, mormente nas últimas décadas, quando se orientaram para a adoção dos princípios e métodos da moderna lingüística.

Foram feitas muitas descrições sincrônicas destas línguas e está em vias de concretização um trabalho comparativo de apro-

23) VALKHOFF, Marius F. Op. cit.

24) PESSOA, Fernando. *Mensagem* ed. bras. José Aguilar. 1960.

fundamento progressivo que visa a estabelecer os seus traços tipologicamente comuns e característicos.

Haja vista os estudos de caráter estrutural apresentados por Robert Hall (25), Douglas Taylor (26), David de Camp (27) e, inclusive, uma tentativa de aplicação dos princípios da gramática transformacional ao estudo do crioulo por Beryl Lof-tam Bayley.

É de notar-se que, desde 1957, o "Linguistic Bibliography", publicado com a assistência da UNESCO, tem uma divisão reservada às línguas crioulas.

Este interesse particular pelo crioulo resulta não somente de sua importância intrínseca, como da relevante contribuição que pode prestar aos estudos de lingüística geral e teoria da linguagem.

Assim, muitos problemas lingüísticos genéricos podem ser esclarecidos através de pesquisas e investigações referentes aos crioulos.

Poderíamos citar, por exemplo, o problema da transmissão lingüística em geral e, em particular, o da aquisição de uma língua nova por indivíduos adultos aloglotas de toda uma comunidade; a formação de novos sistemas lingüísticos pela mutilação e reinterpretação de sistemas já existentes, sob o influxo de diferentes substratos; a co-variância sistemática entre a estrutura lingüística e a estrutura social; a importância dos fatores culturais na aprendizagem de uma língua, o bilinguismo, etc.

Além disso, sendo os crioulos línguas de formação recente e em processo, por assim dizer, de desenvolvimento inicial,

25) HALL Jr. Robert. *Haitian Creole: grammar, texts, vocabulary*. American Anthropological Association, Memoir 74. 1953.

26) TAYLOR, Douglas. *Structural outline of Caribbean creole*. Word 7. 1951.

27) DE CAMP, David. Op. cit.

é possível observar seus sistemas "in statu nascendi" e deduzir o papel do inconsciente na modelagem lingüística.

Poder-se-ia, também, cogitar da possibilidade de este processo ter-se verificado em muitos outros sistemas que mais tarde se ampliaram e difundiram-se em muitas áreas do mundo.

Finalmente, o estudo das línguas crioulas é fecundo sob inúmeros aspectos que ainda não é possível precisar.

Entre estes, a capacidade da mente humana para exercer sua função criativa no domínio lingüístico, sua propriedade de organização e manipulação dos dados fornecidos pelo ambiente, seu agenciamento de elementos num sistema estruturado, enfim, a característica qualidade do homem de se interrelacionar e comunicar com seus semelhantes, através do instrumento que o faz propriamente humano — a linguagem.

#### BIBLIOGRAFIA

1. BARBOSA, Jorge de Morais. *Crioulos*. Lisboa, Academia Internacional de Cultura Portuguesa, 1967.
2. BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York. Holt, 1933.
3. BÜHLER, Karl. *Teoria del lenguaje*. Madrid, Revista do Occidente trad. esp. 4 ed. 1967.
4. CÂMARA, J. Matoso. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica, 4 ed. 1964.
5. CARVALHO, J. Herculano. *Sobre a natureza dos crioulos e sua significação para a lingüística geral*. Coimbra, V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Actas, vol. 3 1966 pp. 257-273.
6. ————. *Le Vocalisme atone des parlers créoles du Cap. Vert.* Lisboa IX Congresso Internacional de Lingüística Românica. Actas vol. 3 Centro de Estudos Filológicos. 1962 pp. 3-11.
7. ————. *Sincronia e diacronia nos sistemas vocálicos do crioulo cabo-verdiano*. La Laguna Miscelanea homenaje a André Martinet vol. 3. 1962 pp. 43-67.
8. COELHO, Francisco Adolfo. *Os dialetos românicos ou neolatinos na Africa, Ásia e América*. Lisboa. Boletim da Sociedade de Geografia. 1880.

9. DE CAMP, David. *The field of creole language studies*. Latin American Research Review, 1968. vol. 3 n. 5.
10. ELIA, Silvio. *O problema da língua brasileira*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1961.
11. GLEASON, H. A. *An introduction to descriptive linguistics*. New York, 1958.
12. HOCKETT, Charles F. *Curso de Lingüística moderna*. trad. esp. Buenos Aires, Eudeba, 1971.
13. HALL Jr., Robert. *Pidgin and Creole languages*. New York. Ithaca. 1966.
14. ————. *Haitian Creole: grammar, texts vocabulary*. American Anthropological Association, Memoir 74. 1953.
15. JESPERSEN, Otto. *Language, its nature development and origin*. London 1922.
16. LENZ, Rodolfo. *El papiamento, la lengua criolla de Curazao, la gramatica más sencilla*. Santiago do Chile. 1828.
17. LE PAGE, Robert B. *General outlines of creole English dialects*. Orbis 6 Ailaud, 1901.
18. LEITE DE VASCONCELOS, J. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Paris. Ailaud, 1901.
19. LOPES DA SILVA, Baltasar. *O dialeto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa. Junta de investigação do Ultramar. Centro de estudos políticos e sociais. 1957.
20. L'UBKE, W. Meyer. *Introducion a la lingüística romanica*. tra. esp. Madrid. s/d.
21. MALBERG, Bertil. *Structural linguistics and human communication*. Berlin-Gottingen. Heidelberg. 1964.
22. MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. trad. port. Lisboa. Livraria Sá da Costa. 1964.
23. MICHAELIS DE VASCONCELOS, Carolina. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa, Revista de Portugal, 2 ed. 1956.
24. MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris, 1921. 1 vol.
25. PIKE, Kenneth L. *Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior*. Glendale 1954 3 vol.
26. RENS, Lucien Leo E. *The historical and social background of Surinam negro-English*. Amsterdam, 1953.

27. SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Livros de Portugal 2 ed. 1970.
28. ————. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, 1951.
29. ————. O crioulo de Surinam, in *Língua, cultura e civilização*. Rio de Janeiro, 1951.
30. STEWART, William. *Creole languages in the Caribbean*. Washington, Frank Rice, 1960.
31. SCHUCHARDT, Hugo. *Kreolische Studien*. Wien 1882-1891. 9 vol.
32. TAYLOR, Douglas. *Language contacts in the West Indies*. Word. 12.1.1956.
33. ————. *Structural outline of Caribbean Creole*. Word. 7.1951.
34. TOMÁS, Tomas Navarro. *Observaciones sobre el Papiamentu*. Nueva Revista de Filosofia Hispanica, 7.1953.
35. VALKHOFF, Marius F. *Studies in portugueses and creole*. Johannesburg Witwatersrand University Press. 1966.
36. WEINREICH, Uriel. *Language in Contact*. Paris. Mouton. The Hague. 1968.
37. WHINNON, Keith. *Spanisch contact vernaculars in the Phillipinne Islands. Hong-kong*. Univ. Press. 1956.
38. WIJK, H. L. A. *Origines y evolución del Papiamentu*. Neophilologus. 42. 1958.

## Universalidade e cosmopolitismo na música contemporânea

À MEMÓRIA DE  
MÁRIO DE ANDRADE

SEBASTIÃO VILA NOVA

### Apresentação

Acredita-se que a música contemporânea, erudita ou popular, como, de resto, a arte em geral, atravessa um momento de crise — como se costuma dizer —, crise que outra não é senão a crise de adaptação do homem às novas condições da cultura que ele mesmo criou. O antigo problema estético da universalidade da obra de arte, com o agravamento da questão do cosmopolitismo ou nacionalismo como alternativas possíveis para o artista criador na determinação das fontes e do sentido mesmo de sua arte, atinge uma dimensão inexistente em outros contextos sócio-culturais, ultrapassando os limites filosóficos dentro dos quais o problema era, até então, colocado e atingindo o domínio do sociológico. Torna-se, então, necessário abordar o problema nas dimensões com que ele se impõe, complementando com a abordagem histórico-sociológica a especulação estética em torno do mesmo. No caso particular da música, o concurso da musicologia, disciplina auxiliar da etnologia bastante inexplorada, é indispensável à compreensão de fenômenos cujo estudo profundo demanda necessária, mas não exclusivamente, análise técnica apurada.

Com este trabalho, não pretendemos fazer propriamente filosofia da arte. Também, se não é, a rigor, um ensaio de musicologia, o que exigiria análises técnicas mais extensas e cuidadosas dos fatos aqui estudados, nele não descuidamos, quando necessário, os aspectos técnico-musicais imprescindíveis de